

# contículos

de dores refratárias

Adriano B. Espíndola Santos

Editora Penalux, 2020

## O ESTADO NATURAL DAS COISAS

O estado natural das coisas quase não importa mais. Ou seja, como se desenvolveram; a diversidade da vida humana; o processo evolutivo; a experimentação, e por aí vai. Em minha mente decretei, desde o primeiro dia de janeiro: só pode ser o fim dos tempos; vou me preparar!

15

A simplificação, que não tem nada a ver com a simplicidade, toma – ou assalta – o lugar da essência, da profundidade. E a criticidade? Questionar e justificar, com fundamentos? Fato: ganharam, ultimamente, nesse abismo obscuro e medieval, holofotes, palanques, as vozes da aberração; absurdamente, vozes dissonantes de um mesmo arsenal de mentiras, caçada à ciência como inimiga.

Com a mínima fragilidade – outros atribuem à sensibilidade –, o sujeito vomita feio, se desidrata; a náusea é iminente e pode levar ao hospital, como aconteceu com minha tia Júlia, mulher aguerrida,

militante das causas sociais, que, de tanto se entregar, de corpo e alma, aos mais desvalidos, sobretudo aos desabrigados, e receber em troca adjetivos como: vagabunda, cretina, pilantra *y otras cositas más*, desenvolveu uma severa depressão, junto com ansiedade e labirintite, vê se pode!; e, ainda por cima, difícil de controlar o trato intestinal: um pandemônio dos mais grotescos.

16 É preciso cuidado. Querem nos enfraquecer, nos esgotar com tanta bobagem, alucinação. São mestres em desviar o foco, distorcer. Comigo não é diferente. Quando me sento para tomar o café da manhã, e perco o tempo a olhar o noticiário, por puro hábito, me afogo em um nó – cego – na garganta, e um fogo me sobe, daí corro ao banheiro, para, além de toda a bagunça estrutural e emocional, chorar, extravasar o coração apertado... Acho que o choro alivia. Ouvi isso em algum lugar.

Quando chego ao trabalho, na repartição pública – prefiro não citar qual é, para não me comprometer –, determinado a resistir à atmosfera hostil, com sujeitos, pasmem!, usando broches e adereços nacionalistas, me recuso a ficar assistindo à empáfia e mando logo meus grandes óculos escuros, fechados, estilo aviador. É, acho que você está pensando, tem um quê de distinção, de superioridade; pois lhe respondo: tem sim.

Há um mês que pensam, decerto, que estou com conjuntivite grave – ou o mais provável, que estou louco –, e me liberam do papeado brocha, chulo, nos corredores, no horário do cafezinho.

São estratégias. Só assim sobreviverei, com minha sanidade, oxalá que sim!, até onde puder.

...

Dessa turma, da qual me afastei por opção, Timóteo seria o que mais se aproximaria de um ser “normal”. Ninguém é normal, na verdade, mas ele fazia um esforço enorme, dava para ver, nitidamente. Era um indivíduo certinho, que não saía da linha. Não aceitava as artimanhas do “patrão”, um outro ser asqueroso que colocaram na última gestão. Sofria, contudo não aceitava; contava-me pelos olhos. Ao pegar um malote suspeito para entregar a um subordinado, resolveu fazer o seguinte: “Senhor, sinto muito, mas não será possível. Nossa equipe supervisiona nossas atividades, coletivamente; o que um faz, todos ficam sabendo. Ou seja, já sabem que o senhor quer me incumbir dessa atividade, porque os comuniquei, e há câmeras espalhadas por toda a repartição. São procedimentos normais. O senhor deve estar familiarizado com o nosso regimento interno, seguramente”.

Bom, de tudo isso, o mais interessante é o controle emocional do Timóteo – isso tenho de aprender.

Mas o sujeito é fechado, não se abre para ninguém, mesmo a mim que trabalho há sete anos com ele – quando já tem dezessete de trampo –, quase mesa com mesa. É afável, gentil com todos, não só comigo; no entanto, para minha preocupação, não dá uma brechinha sequer para a aproximação. O jeito foi saber dos seus gostos, de algo que o agradasse. Carecia de estar perto dele. Precisávamos nos unir para o nosso bem. Sem isso, seriam quatro anos de suplício. Foi aí que me surgiu a ideia de passar em frente ao seu carro, um Prisma prata, muito bem conservado, talvez ano 2013 ou 2015, para saber se havia algum objeto de seu interesse.

No intervalo, ao invés de ir ao almoço, saí pela lateral, pouco movimentada, a caminho do estacionamento. Os “colegas” iam almoçar, na sua maioria, no bar Lá em casa, ou no PF do Zica – pelos nomes, dois locais esplêndidos, como se pode notar. Nos últimos tempos, andava quatro quarteirões e almoçava com a Célia e a Denise, hoje cooptados pelos respectivos maridos, que, de tão insanas, me olhavam e repetiam: “A mamata acabou!”. Porra, que eu tenho a ver com mamata?! Voltando à história, o fato é que demorei a sair, coisa de dez minutos, para despistar. Fui ao banheiro e passei cerca de cinco minutos, como se estivesse cagando, num dos espaços reservados. Saí de fininho, como quem não

quer nada, olhando o relógio, celular, mexendo na carteira, até que cheguei ao meu objetivo. O carro estava lá, paradinho, com vidro fumê claro. Vi, no banco de trás, uma cadeirinha de bebê. Poxa, de tão reservado, não sabia que ele tinha filho, ou que fosse casado, pelo menos. Fora isso, um brinquedo de madeira, tipo carrinho – supus ser um menino –, e uma revista de nome impronunciável, a mesmíssima que praticou todo o tipo de chantagem, maquinou o golpe e tudo o mais. Foi uma desolação só. A minha única esperança era daquela laia? E pensar que apostei todas as minhas fichas num único sujeito, o mais crível de toda a repartição; é de matar.

19

Depois do intervalo, passei um tempo, nada mais que o necessário, e saí cabisbaixo. Ninguém se incomodou. Somente o chefe, debochado, logo na saída me parou e perguntou se eu estava de óculos escuros para reparar as gatinhas novas, as estagiárias, e riu, cuspiendo em chuvas, com voz cavernosa, como um porco cevado, preso para a engorda e abate, e arrematou: “Você é dos meus!”. Eu me arrepiei, imediatamente. “Jamais, jamais, jamais!”, repetia na minha mente, para não me contaminar – um truque que aprendi com o meu analista. Parecia que estava cercado de bestas, demônios, por toda parte, menos a dona Jacira da limpeza e do cafezinho, essa, sim, um doce. Só ela poderia salvar aquele lugar?

Na ida, no carro, liguei o som nas alturas, escutando Raulzito, *Metamorfose Ambulante*, para me reconectar comigo. “Eu não sou aquilo!”. Repetia: “Eu não sou aquilo! Mesmo!”. Queria aprofundar minha vida perdida em meio a papéis, pastas, processos, o escambau. Não suportaria mais quatro anos naquele inferno, de pessoas enlouquecidas, perseguidoras. A caçada estava explícita, cada vez mais urgente; queriam a minha pele.

20

...

Minha moradia é modesta, para mim e Lucas, o meu gato pé-duro, rajado de cinza e branco, lindo. Sempre está à porta, a me recepcionar; nesse dia intenso, não poderia ser diferente. Quando a abri, passou entre minhas pernas, tanto se esgueirava como pressionava. Muitos dizem que gato não tem sentimento, mas como explicar essa mudança brusca de atitude, pouco habitual? Para mim, ainda que do mundo dos cétricos, acredito no amor; esse não falha. O gato me disse, no aperto e no entrançar, que me ama acima de tudo e que estaria comigo em qualquer situação. Vejam-se os moradores de rua: às vezes, a única representação do amor está no cachorro, que nunca o abandona; lambe suas feridas e dividem o pão, mirrado. Lembrando-me disso, sinto-me envergonhado de cogitar o fim, pelo suicídio. Mas isso é passado. Bola pra frente. Agora

minha preocupação é outra. Estou bem assistido. Apesar de tudo, da dor que me corrói nesse momento, vou dar mais um tempo, não darei o gosto de pedir a minha exoneração.

...

No primeiro passo, atravessada a sala da recepção, depois de um bom dia não tão agradável do Fernando, o fiscal peçonhento, me esbarro em Timóteo. Ele baixou a cabeça, me pediu desculpa, com uma voz baixa, e eu o desculpei. Havia um ar de clarividência, não à toa. Paramos, por cerca de quarenta segundos. Ele perguntou se eu estava bem. Eu disse que estava indo, como havia de ser, apesar dos pesares; dos tempos difíceis; do obscurantismo crescente, etc., etc., etc. Enfim, desabafei. Não sei, parecia que o clima me chamava a dizer. Bingo! Ele me olhou com um ar de dor, como se sentisse o mesmo, pegou em meu ombro e suspirou, dizendo: “Iremos superar. Nosso objetivo é com a ciência e nada mais”. Retomei as forças e criei coragem para perguntar: “Não me leve a mal, mas passei, por acaso, em frente ao seu carro e vi uma revista inominável, você deve saber qual é. Acreditei que estaria do lado dos revisionistas; desses sujeitos brutos, inconsequentes, estou certo?”. “Não, José. A revista faz parte do arquivo de meu pai, um torturado no período militar, jornalista aposentado,



que usaria para desmascarar um conteúdo falso veiculado”. Depois disso, o alívio veio subitamente, talvez na mesma velocidade que um impulso nervoso é gerado – que não deixa de ser, também.

22 Não seria necessária nenhuma explicação. Estamos ligados, unidos como velhos amigos, ou mais, irmãos gêmeos separados na maternidade, que se reencontram num acaso da vida. Ele me falou de sua origem nordestina, do desprezo que seu pai sofreu nas cidades “glamurosas” por que passou, tentando matar a fome da família de seis filhos. No mínimo, ouvia que era irresponsável por ter colocado tanto filho no mundo... O tempo, ali, era nosso inimigo. Devíamos bater o ponto e prosseguir com nossas atividades. Fizemos como manda o *script*, com uma novidade, que surpreendeu a todos, entrei de peito aberto, sem os óculos, encarando-os; já não estava só.

## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Sabon LT  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2020.

---